

A PRIMEIRA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO E O ESPÍRITO LIBERAL

MARIA CELESTE NATÁRIO

I – ADVENTO DO LIBERALISMO EM PORTUGAL

A Revolução Liberal constituiu-se, conforme sabemos, como a primeira grande expressão, no plano político, do liberalismo em Portugal. Foi um movimento que eclodiu a 24 de agosto de 1820 na cidade do Porto e teve repercussões tanto na História de Portugal quanto na História do Brasil. O movimento resultou no retorno (1821) da Corte Portuguesa, que se transferira para o Brasil durante a Guerra Peninsular, e no fim do absolutismo em Portugal, com a ratificação e implementação da primeira Constituição portuguesa (1822).

A Constituição de 1822 e as que se seguiram contêm os mais importantes princípios liberais. Destes, salientamos o direito à propriedade individual, onde assentam as liberdades individuais do cidadão, e o reconhecimento da nação portuguesa, numa mais ampla aceção.

A experiência liberal portuguesa, depois da legislação de Mouzinho da Silveira e da vitória liberal na guerra de 1832-1834, traduziu-se na transferência da propriedade, outrora pertencente às ordens religiosas, para uma nova burguesia ligada às actividades financeiras e sedenta de títulos nobiliárquicos. A pequena burguesia, interessada nas actividades industrial e artesanal, rapidamente se desilude com o advento do liberalismo. Quanto ao povo, não teve direito a muitas regalias, pelo que, ao longo do século XIX, continuava a emigrar para o Brasil, procurando na ex-colónia o que não encontrava em Portugal.

No século XIX, no seio da burguesia intelectual, surgiu uma mentalidade romântica de valores liberais. Esta mentalidade está bem patente nas Cortes Gerais e nas obras literárias o *Retrato de Vénus* (1821) e *Catão* (1821) de Almeida Garrett. Na pintura e na música esta mentalidade faz-se sentir na *Alegoria* do artista António Domingos Sequeira e nos hinos (*Gratidão*) e missas do músico João Domingos Bomtempo. Alexandre Herculano, o romancista e historiador, e Almeida Garrett, o jornalista, dramaturgo e político, são as figuras mais destacadas no panorama romântico nacional, exercendo uma forte influência na cultura oitocentista portuguesa, neste contexto liberal.



O Liberalismo Português passa também por uma reforma da Universidade em Portugal – tendo sido a Universidade Coimbra a principal visada, enquanto representante máxima do “passado/ antigo regime”. As polémicas com esta instituição vão durar todo o XIX e geram não apenas a “Questão Coimbrã”, em 1870, mas toda uma ampla gama de artigos de jornais e discursos a favor e contra o modelo universitário então vigente.

Nesta luta por uma renovação do ambiente intelectual e cultural, a formação das novas gerações passa a ser essencial. Toda e qualquer tentativa de reforma educacional no século XIX português passa pela questão da reforma da Universidade.

II – A GERAÇÃO DE 70, A RENASCENÇA PORTUGUESA E A INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA

Um dos expoentes maiores do espírito liberal na segunda metade do século XIX em Portugal foi, inequivocamente, a *Geração de 70* ou *Geração de Coimbra*, movimento académico que veio revolucionar várias dimensões da cultura portuguesa, não só no tempo mas com posteriores repercussões.

Antero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, entre outros jovens intelectuais, reuniam-se para trocar ideias, livros e ideias para a renovação da vida política e cultural portuguesa. Portugal vivia então um impulso de mudança. As novas ideias vindas do Centro da Europa constituíam motivo de inspiração.

Em Coimbra, este Grupo gerou uma polémica em torno do confronto literário com os ultra-românticos do “bom senso e do bom gosto” (a já aqui referida Questão Coimbrã). Mais tarde, já em Lisboa, estes intelectuais formaram o grupo Cenáculo e, em 1871 (há exactamente 150 anos), o grupo organizou a série de Conferências no Casino (Lisbonense), para discutir temas ligados à literatura, educação, religião e política, acabando por ser proibidas pelo governo. O caso desta Geração, que se veio a autodenominar “os Vencidos da Vida”, é bem o espelho do sentimento de decadência que se vivia na passagem do século.

Esse sentimento de decadência vai ser, no início do século, contrariado, com o ressurgimento, em força, do espírito liberal, por esta altura um quase-sinónimo do republicanismo. A revolta de 31 de Janeiro de 1891 foi a primeira tentativa de implantar em Portugal um regime republicano verdadeiramente liberal. A República que se veio a instaurar em Lisboa, em 1910, ficou muito aquém desse desiderato.

Em 1910, foi também lançada a Revista *A Águia*, órgão (após 1912) do *Movimento da Renascença Portuguesa*. Esta foi uma outra Geração de ouro, que procurou, sobretudo no plano cultural, defender e difundir esse espírito liberal. Curiosamente, este Movimento emerge na sequência da ausência de atenção à Educação e Cultura por parte do regime recém-instaurado.



Jaime Cortesão, Teixeira de Pascoaes, Raul Proença e Leonardo Coimbra foram decerto quatro das mais significativas figuras deste Movimento renascente, de que a primeira Faculdade de Letras do Porto é uma das principais realizações.

III – A PRIMEIRA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO (1919)

Na feliz expressão de Pedro Baptista, que aqui evocamos, a primeira Faculdade de Letras do Porto foi um verdadeiro “milagre”, como o próprio salientou no título de uma das suas obras, que a Universidade do Porto editou em 2012: *O Milagre da Quinta amarela. História da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919-1931)*. No Portugal do início do século XX, criava-se uma Faculdade de Letras com o “propósito coletivo de ensino (...) libertário em relação ao paradigma das Universidades de Coimbra e de Lisboa”. Pelas práticas inovadoras que os seus mestres implementaram, foi a criação de um escol como de outro não há memória no âmbito do pensamento filosófico português.

Nascida a 27 de Agosto de 1919, bem se pode dizer que a Faculdade de Letras da Universidade do Porto trazia já o gérmen da sua morte anunciada, tantas foram as dificuldades que atravessou no seu breve período de existência. Foram apenas nove anos incompletos, pois que por despacho de Alfredo Magalhães, então titular da Instrução, foi extinta a 12 de Abril de 1928, ainda que em termos definitivos tenha durado até ao mês de Julho de 1931, para não prejudicar os instruídos em curso.

Criada por iniciativa do então Ministro da Instrução Pública, Leonardo Coimbra, que fazia parte do Governo de Domingos Pereira, tinha um objectivo mais amplo: acabar com o analfabetismo, ao ponto de subsidiar as famílias de poucos recursos para que os seus filhos frequentassem a escola.

No que diz respeito à reforma encetada por Leonardo Coimbra, pode-se dizer que foi um êxito na vertente do ensino primário, apesar da curta duração governativa de Domingos Pereira, pois que criou o Ensino Primário Geral, com cinco anos de escolaridade obrigatória, seguido do Ensino Primário Superior, com a duração de três. Para além disso, reorganizou o Teatro Nacional Almeida Garrett, o Conservatório de Música, a Biblioteca Nacional, atribuindo a direcção a Jaime Cortesão e Raul Proença, que, a seguir, dará origem ao designado “Grupo da Biblioteca” e de onde também acabará por surgir a “Seara Nova”.

Sob a direcção de Leonardo Coimbra, a primeira Faculdade de Letras do Porto teve grande parte do seu corpo docente enriquecido pelos seus companheiros do Colégio Gil Vicente, de Lisboa, onde tinha a função de bibliotecário – falamos, nomeadamente, de Ângelo Ribeiro, Urbano Canuto Soares, Newton de Macedo, Lúcio Pinheiro dos Santos, Luís Cardim, Damião Peres e Câmara Reis. Nenhum deles era doutorado, apesar de alguns já leccionarem em universidades



somente com o bacharelado, conquistando as l ureas em 1925/6, justamente na Faculdade de Letras do Porto. Os demais, na generalidade, eram naturais ou fixados no grande Porto e quase todos membros da *Renascença Portuguesa* – casos de Aarão de Lacerda, Augusto Ferreira Nobre, Francisco Torrinha, José Teixeira Rego (também doutorados em 1925/1926 pela Faculdade de Letras do Porto), de Ant nio Luís Gomes, Magalhães Basto e Mendes Correia – e do seu órgão doutrinário oficial, *A  guia*. É nesta revista, aliás, onde Leonardo Coimbra d  a conhecer o seu sistema do “criacionismo” e Teixeira de Pascoaes o seu “saudosismo”.

Quase todos estes membros da *Renascença Portuguesa* eram republicanos, uns mais indefectíveis do que outros, como  ngelo Ribeiro – preso juntamente com Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, Raul Proença, Agat o Lança e outros, em Julho de 1918, em pleno consulado de Sid nio Pais e na sequência de um debate sobre a entrada de Portugal na I Guerra –, Lúcio Pinheiro dos Santos, José Teixeira Rego, e Homem Cristo.

Se os Professores dessa Faculdade constituíram um escol superlativo fora de quaisquer d vidas, a verdade é que os alunos não o constituíram menos e com esta singularidade – a de se inscreverem e cursarem por decisão própria, sem vínculos partidários ou quaisquer outros, numa instituio de excelência. Para o efeito, compare-se o rol dos professores da Faculdade de Letras do Porto, acima referido, com os dos seus alunos: Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, Ant nio Salgado Júnior, Augusto Saraiva, Delfim Santos, José Marinho, Sant’Anna Dionísio, etc.

Hoje é dado como adquirido que a gerao que resultou deste primeira Faculdade adveio essencialmente duma prática de ensino revolucionária, cujo mentor principal foi Leonardo Coimbra, caracterizada tanto pela liberdade do pensamento, como pela eliminao de fronteiras instituídas entre ministrantes e ministrados.

No plano do ensino, a primeira Faculdade de Letras do Porto foi decerto a maior realizao do espírito liberal entre nós, na primeira metade do século XX. Foi também a expressão do espírito liberal que se associa à cidade do Porto, exemplo maior do seu dinamismo e vitalidade, como amplamente salienta, na sua referida obra, Pedro Baptista, que aqui homenageamos, enquanto membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

